segredo de justiça

segredo de justiça

andréa pachá

intrínseca

Copyright © 2019 by Andréa Maciel Pachá

Revisão
André Marinho
Daniel Austie

Capa, projeto gráfico e diagramação
Angelo Bottino
Fernanda Mello

Foto de capa
Retrofile RF / Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P116s

Pachá, Andréa, 1964-
Segredo de justiça / Andréa Pachá. – 1. ed. –
Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.
256 ; 23 cm.

ISBN 978-85-510-0611-5

1. Contos brasileiros. I. Título.

19-60449 CDD: 869.3
CDU: 82-34(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

João e Kike,
pelo amor que liberta,
respeita e confia.

Léa e Miguel,
pelo amor
que se ocupa do outro
e que multiplica.

Patrícia e Miguel,
pela sorte do amor fraterno
e definitivo.

sumário

PREFÁCIO À NOVA EDIÇÃO *Ana Maria Machado* **9**
APRESENTAÇÃO *Renato Janine Ribeiro* **11**

Viagem sem fim **17**
Quando nada faz muito sentido **19**
Suaves prestações **25**
O amor não é uma hipótese **31**
Vai passar **37**
Não existe sonho errado **43**
Era vidro e se quebrou **49**
Prazo de validade **55**
Todo dia, não! **61**
Viver é escolher o que esquecer **63**
Promessas para futuros pais **69**
Memória entre aspas **75**
Sagrada família **81**
Guia da mochila para principiantes **87**
Amor sem condição **93**
Cada um que faça o seu **99**
Silêncio e som **101**

Negócio de risco **107**
Quem disse que seria fácil? **113**
Corações das trevas **119**
Acerto sem contas **127**
Ausência em carne viva **133**
O inusitado de cada dia **135**
Minha história dos outros **137**
Uma terra sem futuro **143**
Quem manda aqui?! **149**
Dois que eram três **151**
Somos todos vulneráveis **157**
Mas não é assim na vida? **163**
Paternidade em construção **169**
O que se colhe quando não se planta **175**
Segredo de justiça **181**
Quatro damas e nenhum rei **187**
Maria roleta **193**
Quem fala o que quer... **199**
Nunca é perda total **203**
O céu que nos protege **211**
Quem manda é ela! **213**
Desejo em estado bruto **215**
Até que a morte nos separe **221**
Cada um com seu problema **227**
Ele não ouve. Ela não vê. **233**
Noite feliz **239**
Tem coisa melhor que namorar? **243**
Quem ama cuida **247**
O tempo gasta tudo **253**

prefácio à nova edição

Fome e sede de justiça

ANA MARIA MACHADO

Depois do sucesso com seus livros anteriores – Velhos são os outros *e* A vida não é justa –, *Andréa Pachá agora relança* Segredo de Justiça, *outra coletânea de narrativas bem qualificada para alcançar as listas de mais vendidos. O êxito se explica. Qualquer um que comece a folhear estas páginas será imediatamente fisgado pelo relato em que esbarrar. Trata-se de uma obra despretensiosa, mas interessantíssima e sábia. Gostosa de ler. Clara e carregada de humanidade. Constrói-se a partir de lembranças de diferentes casos trazidos à autora em seu cotidiano como juíza atuando em Vara de Família, emoldurados por reflexões sobre os encontros e desencontros presentes nas relações familiares. No título do livro anterior, ela teve a honestidade de nos relembrar e anunciar que a vida não é justa. Verdade. No entanto, paradoxalmente, todos insistimos em buscar justiça. Uma das coisas que mais me impressionam ao longo de décadas de encontros com leitores de todas as idades, em diferentes países e culturas, é constatar como somos todos tão parecidos. Uma das semelhanças mais*

marcantes em nossa humanidade comum, que reaparece com uma constância incrível, é a noção de que se deve buscar justiça e esperar que ela seja feita. Desde a mais tenra idade a criança insiste nisso. E muitas das reflexões mais dolorosas que afloram entre idosos machucados pela vida nascem da sensação de que a justiça lhes foi negada.

Contando os variados casos que lhe chegam, nos quais procura ouvir os diferentes lados e pesar bem antes de decidir, Andréa Pachá vai desfiando uma triste série de situações em que se buscam reparos para o aparentemente irreparável: dores causadas por desilusões, irresponsabilidades, imaturidades, confusões entre amor e paixão, dependências crônicas, relações claustrofóbicas. Ao mesmo tempo, à medida que avançamos na leitura, delineia-se um panorama mais amplo e coletivo, que vai muito além dos episódios pessoais. Vamos constatando as mudanças de costumes na sociedade atual e vislumbrando sugestões para um futuro melhor, ao percebermos a importância de dar maior atenção às responsabilidades de ter filhos ou à necessidade feminina de construir sua autonomia financeira.

Além do contato com esse saber de experiência feito, o leitor tem ainda a chance de se deliciar com um texto leve, sem juridiquês, de quem escreve bem, com humor na medida certa, e com as oportunas marcas literárias das referências a um acervo cultural comum – de Tolstói a Homero e aos mitos gregos – sempre lembrado de maneira significativa. Segredos ancestrais discretamente compartilhados, enquanto a justiça não vem mas insistimos em ter fome e sede dela.

apresentação

RENATO JANINE RIBEIRO

Andréa Pachá tem o dom de narrar. Os relatos deste livro, como os do anterior, A vida não é justa, *prendem nossa atenção do começo ao fim, tanto é que os li de uma tacada só. Mas, mais que isso, eles apontam uma moral nas histórias, com Andréa se indagando constantemente sobre o equilíbrio instável dos ganhos e das perdas de nosso tempo.*

O principal ganho que temos a comemorar é a democratização dos costumes. Passaram os tempos – embora tão próximos ainda de nós, menos de meio século, como no caso da tia desquitada, alvo de desprezo e humilhação na década de 1970 – em que lutar pela felicidade exigia coragem desmedida. Um relacionamento infeliz era um fardo a carregar pela vida. Hoje, os laços sociais necessitam ser constantemente cuidados, refeitos, tratados. Caso se reduzam a grilhões, é possível rompê-los e recomeçar a vida. Mas esse balanço positivo em relação ao que Charles Fourier chamava de "a liberdade no amor" não vem sem contrapesos sérios. Andréa é muito sensível ao modo egoísta pelo qual tantos não suportam os fardos

que o tempo, ou um acidente, ou uma doença impõe. Em especial, não gosta quando alguém larga o parceiro de uma vida porque este desenvolveu um câncer, tema que aparece nos seus dois livros. Parodiando Otto Lara Resende, que dizia que "o mineiro só é solidário no câncer", é como se dissesse: nem no câncer. É justamente – ou injustamente – no câncer que o casamento se desfaz, porque some a solidariedade. Se nosso mundo está pior do que aquele horror que Nelson Rodrigues descrevia, se não lhe resta nem a atenuante da piedade pelo câncer, ai de nós.

Andréa não concorda que as pessoas "tenham o direito" de ser felizes. Felicidade, para ela, não está no rol dos direitos. Ou, explicitando algo que em seu texto é poderoso, mas fica implícito: um dos piores traços de nosso tempo é que muitos chamam de "felicidade" o que, na verdade, é prazer somado à irresponsabilidade. Um dos temas mais recorrentes em dois mil anos de história da filosofia é que a felicidade é algo mais duradouro, sólido e verdadeiro do que a alegria momentânea. A felicidade está do lado do amor; já o prazer, e mesmo a alegria, frequentemente ficam perto da paixão e do desejo sexual. O tempo, outra presença frequente no livro de Andréa, estabelece a fronteira entre os dois campos. Só há felicidade quando esta se inscreve no tempo, ganha duração, ultrapassa o momento do gozo, da paixão. Mas geralmente o tempo devasta. Faz a beleza ceder lugar às rugas, a paixão, ao tédio, e tudo o mais. Timidamente, porém, há alguma possibilidade de que o tempo crie alguma sabedoria, de que resgate em vez de amaldiçoar. Disse "timidamente" porque neste livro e no anterior predominam os registros de insensatez e de

egocentrismo. Vemos quase que um desfile das imaturidades afetivas de nosso tempo. Os registros de altruísmo e de amor, minoritários, comparecem sobretudo quando se fala do amor de pai, mãe, ou mesmo avó ou pai postiço por uma criança. Entre os casais, esse amor é bem mais raro, o que obviamente se salienta porque eles procuram a justiça não para celebrar a alegria de estar juntos, mas para marcar o fim de sua união; mas, mesmo assim, nos relatos até do entusiasmo agora pretérito, vemos quão rara é a generosidade. Parece que os amores que terminam mal tiveram um vício de partida, um entusiasmo irrefletido, uma paixão sem dedicação.

Estas narrativas procuram educar o leitor para uma limitada, difícil, modesta sabedoria. Andréa não esconde quando se sente chocada pelas cenas que presencia e tenta redimir. Além da falência dos amores que pareciam eternos, ela se preocupa em especial com a adolescência que nunca termina, com a imaturidade permanente. Só uma vez, no livro, tive alguma vontade de rir, tão absurdo o episódio: é quando uma mocinha vai à juíza com seus dois parceiros sexuais, irmãos um do outro, para saber quem é o pai do filho dela. Num livro que nos leva à beira do choro e às vezes além dele, esta cena é cômica, de tão enlouquecida. Os três jovens não têm a menor ideia de nada. Não sabem como se vestir, como se portar, que palavras usar. Não é que se intimidem – ao contrário. Entram na sala com óculos escuros, bonés e palavrões. São a versão pobre do casal que, em A vida não é justa, *se separa logo após a lua de mel caríssima, ao perceberem ambos que acabou, ou que acabaria, a vida sustentada pelos pais – e cuja própria separação é custeada pelas famílias. Tanto na*

história dos ricos de A vida... *quanto na dos pobres deste novo livro, vemos a mesma imaturidade talvez incurável, a mesma quase impossibilidade de aceder à responsabilidade.*

Andréa se choca, e nós junto com ela, ao pensar o que pessoas formadas tão sem noção farão com os filhos. Pelo visto, teremos mais uma geração de crianças e jovens educados sem critério. Daí que ela, a certa altura, sugere sete perguntas para futuros pais, que na minha opinião deveriam ser amplamente divulgadas e até poderiam constituir a espinha dorsal de um curso formando os pais para suas responsabilidades. Ela bem poderia montar um curso desses. Mas o importante, o essencial, é que não seria um curso como tantos que existem na praça, para você saber como cuidará do tesouro que está por nascer. Todos eles acolhem os futuros pais, dizem que coisa linda, a melhor do mundo. Nem se preocupa, quem os dá, em lidar com o pavor que alguns podem sentir e que depois do parto muitos mais sentirão, ou em alertá-los para a realidade, os compromissos que não poderão mais largar. São cursos instrumentais, com técnicas para lidar com um bebê, e não cursos humanistas, que preparem para a vida. A seu modo, são tão enganosos quanto a solenidade festiva do casamento, que em nada prepara para o que, depois, será árduo. Em seu lado prático, têm um viés de propaganda enganosa; ensinam a amamentar, não a amar.

O que as sete perguntas colocam é mais radical e sério do que isso: antes de decidir ter um filho, sabe você o que terá pela frente? A questão não é como enquadrar direitinho os casais grávidos, para que se conformem aos modelos prescritos em nossa sociedade. É, sim, interrogar seu desejo, saber

se de fato você vai além da família margarina e está disposto a realizar a série de sacrifícios necessários para educar um pimpolho, que será lindo, sim, mas não dará trégua aos pais por muitos anos.

A preocupação deste livro não é com a felicidade nem mesmo com a justiça, é com a verdade. A vida não é justa: pessoas que foram boníssimas, que de tudo fizeram para serem ótimos companheiros ou genitores, nem sempre são reconhecidas ou premiadas – assim como quem foi ou é mau conhece, tantas vezes, o sucesso. A vida é indiferente à justiça. Pessoas ótimas padecem, pessoas más florescem. Não é verdade que aqui se faz, aqui se paga. E, se a vida não é justa, a felicidade não é tampouco um direito. Estamos fora da esfera do direito. Aliás, Andréa sabe que a área jurídica precisa se socorrer de outras práticas e conhecimentos para ser efetiva, especialmente no campo tão delicado dos sentimentos humanos. Por isso, falei da importância da verdade. Andréa começa pelos detalhes. A uma mulher que lhe conta que "fez um câncer", ela responde: "Não, não fez, não foi você que causou essa doença maligna ao ser abandonada, não se culpe por seu sofrimento." Ela procura aproximar as pessoas do que é razoável. Procura reduzir danos.

Aqui há outra questão que me interessa. Desde alguns anos, tenho estudado duas estratégias opostas, que também servem de ferramentas para lidar com os males da vida social: por um lado, a utopia, por outro, a redução de danos. Os utopistas partilham algumas convicções básicas: a sociedade é injusta, é infeliz, a causa da injustiça e da infelicidade é uma só, e,

atuando sobre ela de maneira decisiva, podemos tornar nosso mundo justo e, ao mesmo tempo, feliz. Essa causa pode ser a propriedade privada, a vaidade, a moral sexual repressiva, conforme lidemos com Thomas Morus ou Marx, Rousseau e Wilhelm Reich. Mas há os que divergem por completo dessa visão. Nossa sociedade não é plenamente injusta nem infeliz, pensam eles – que incluem Hobbes e Freud –, são muitas as causas dos males desta vida, e, se quisermos mudar tudo de um golpe só, aumentaremos os problemas em vez de resolvê-los: a saída, então, é reconhecer que as utopias são contraproducentes e, com modéstia, reduzir os danos. Andréa enxerga as coisas do ponto de vista de alguém que teve de aceitar, talvez contra suas convicções mais íntimas e primeiras, a falência do projeto utópico. O que significa "a vida não é justa", título do livro anterior, se não um terrível desabafo, uma revelação quase horrorizada? E – justamente – não há exclamação ao terminar a frase. Se houvesse, seria um protesto. Seria uma tentativa de construir a utopia da justiça. Terminando a frase a seco, como uma constatação, o espaço que ela abre é o de quem só poderá erguer uma vida melhor, mais feliz e mais justa, mas nunca plenamente feliz e justa, e sempre a pequenos passos. Porque, se "felicidade é também um projeto de cuidado, de afeto, de enxergar o outro como sujeito e não como objeto da nossa satisfação", como ela diz na metade deste livro que tenho a honra de apresentar, então esse projeto exige uma verdade grande nos afetos, uma disposição a ir além da aparência, do imediato.

Viagem sem fim

Corri a tempo de segurar a porta pantográfica. Fim do dia. Cansaço. Vontade louca de relaxar em casa, na companhia dos meninos. Elevador antigo. As grades rangiam, e o forte barulho do metal selava a pequena caixa de madeira que transportava três pessoas de cada vez.

Tão distraída e exausta, não percebi a presença de outra mulher no local. Ela me encarava, séria. Sorri e acenei com a cabeça, me redimindo pela falta de um cumprimento logo na entrada.

Impávida, a moça nem respondeu. Seu olhar me fulminava. Não tinha ângulo possível para evitá-la. Espelhos autoritários insistiam em colocar aqueles olhos diante dos meus. E ainda estávamos no quarto andar.

Uma voz grave, na minha direção, me fez tremer:

– A senhora é a doutora. Andréa, não é?

Tensa, sem conseguir identificar aquele rosto, respondi, mascarando a ansiedade:

– Sou, sim.

O indicador apontava o sexto andar. Aquela experiência não acabava, meu Deus!

Mais séria e chegando mais perto, ela prosseguiu:

– Doutora Andréa Pachá?

– Sim – respondi rapidamente, passando pelo sétimo andar.

– A senhora fez a minha separação.

A informação veio seca. Pausada. Sem qualquer emoção.

O tempo congelou. Os ponteiros não andavam. Meu andar não chegava. Eu precisava assumir o controle da situação. Era isso ou aquela mulher, como a esfinge, me devoraria.

O enigma era complexo: Tirei sua pensão? Proibi a visita aos filhos? Elogiei o ex-marido?

Corajosa, perguntei:

– E foi bom pra você?

Só aqui ela relaxou:

– Foi a melhor coisa da minha vida! A senhora colocou aquele vagabundo no lugar dele!

Milagrosamente a porta se abriu.

Eu não tinha a menor ideia de quem era a mulher. Não consegui lembrar o que poderia ter dito ao então marido. Só consegui me despedir, profundamente aliviada:

– Que sorte a minha não ter encontrado aquele safado por aqui!

Fim do dia.